

O que as pessoas estão falando sobre

## O Fim do Fim da História

É raro encontrar um livro que ofereça um panorama completo da história recente da política global, mas os garotos do Aufhebung Bunga conseguiram produzir exatamente isso. Os autores nos conduzem por uma série de reviravoltas políticas e protestos populares, populismo, pós-política e anti-política, além de abordar as derrotas de Bernie Sanders e Jeremy Corbyn, em oito capítulos curtos e estimulantes. Eles apresentam visões originais e críticas sobre as campanhas contra a corrupção em países ao redor do mundo, da Hungria ao Brasil, passando pelo estudo de caso de Silvio Berlusconi na Itália. Engajado, informado, comum e insatisfeito, autodidata, perplexo, enojado e até um pouco irritado, o leitor a quem este livro se destina conseguirá se envolver com o projeto dos autores de mapeamento conceitual e autocrítica da esquerda. Apesar da obscuridade dos tempos, o livro oferece um vislumbre de esperança. É uma leitura instigante, pois nos perguntamos como os autores nos guiarão até aquele pequeno raio de luz: o Iluminismo socialista.

**Catherine Liu**, Professora de Cinema e Estudos de Mídia/Estudos Visuais, Universidade da Califórnia, Irvine

De repente nos vemos mergulhados em uma época de caos e confusão, colapso e declínio. Este livro, breve e inteligente, navega por um cenário de mistificação ideológica e nos incentiva a examinar com sobriedade o equilíbrio de forças que se apresenta neste período tumultuado, despertando-nos do tédio do fim da história.

**Angela Nagle**, autora, *Kill All Normies*

Neste volume provocativo, a equipe por trás do podcast *Aufhebunga Bunga* examina o cenário político no “fim do fim da história”. Ao observar o triunfo do neoliberalismo e a disputa com seu *Doppelgänger* populista em diferentes países — dos EUA ao Reino Unido, da Itália ao Brasil — os autores demonstram de maneira expressiva que, embora as contradições do neoliberalismo sejam claramente visíveis, a esquerda é incapaz de responder a uma profunda crise de autoridade. Leitura obrigatória para todos aqueles dispostos a contemplar as profundezas das guerras ideológicas e culturais contemporâneas.

**Paolo Gerbaudo**, Diretor do Centro de Cultura Digital, King’s College, Londres; autor, *The Digital Party*

AMOSTRA

**O FIM DO  
FIM DA  
HISTÓRIA**

**POLÍTICA  
NO SÉCULO XXI**

ALEX HOCHULI  
GEORGE HOARE  
PHILIP CUNLIFFE

**O FIM DO  
FIM DA  
HISTÓRIA**

POLÍTICA  
NO SÉCULO XXI



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2024

# Agradecimentos

Assim como muitos jovens da nossa geração, tragicamente nos vimos compelidos a iniciar um podcast. Tendo amadurecido no deserto político dos anos 2000, a turbulência de meados da década de 2010 foi energizante: o retorno da política! Ao lançarmos o Aufhebung Bunga em abril de 2017, não tínhamos uma ideia clara do que queríamos conquistar, embora compartilhássemos a ideia de que o entediante Fim da História poderia estar acabando enfim. Conforme o podcast ia se desenvolvendo, decidimos nos dedicar de forma mais explícita a explorar os contornos da era que emergia.

Devemos agradecer, em primeiro lugar, ao amigo do podcast Lee Jones por nos incentivar, em meados de 2019, a escrever este livro. O curso de graduação que Lee idealizou e leciona na Queen Mary, Universidade de Londres — *Politics at the End of the End of History* [Política no Fim do Fim da História] — foi mais um estímulo para desenvolver a estrutura que havia surgido ao produzirmos o podcast.

Agradecemos também a Catherine Liu por seu entusiasmo contínuo e por nos convidar para ir à Universidade da Califórnia, Irvine, para gravar e participar de seu seminário de pós-graduação sobre a crítica do “bem-estar”. Nossa série “CaliBunga” sobre a ideologia californiana foi resultado dessa viagem e ajudou a consolidar ainda mais nossa perspectiva.

Um enorme agradecimento a todos aqueles que leram e fizeram comentários valiosos sobre as versões preliminares dos capítulos: Benjamin Bradlow, Benjamin Fogel, Paolo Gerbaudo, Abby Gilbert, Lee Jones, Euan Marshall, Andresa Medeiros, Dan Taylor, Matthew Thompson e Sally Turner.

A todos os convidados do nosso podcast ao longo dos anos: temos uma dívida de gratidão significativa pelo tempo dedicado e pela participação em trocas que continuam a se revelar extremamente enriquecedoras (para nós e, esperamos, para vocês e para os ouvintes). As conversas certamente contribuíram para ampliar e aprofundar nossa compreensão dos tempos estranhos em que nos encontramos.

Agradecemos também a Jonny Munday ([jonnymunday.com](http://jonnymunday.com)) por criar nossa música tema e a Dewi Gonzalez ([ramune.io](http://ramune.io)) por desenhar nosso logotipo.

E, por último, um enorme agradecimento a todos os nossos ouvintes e especialmente aos nossos assinantes/patronos.

Nem é preciso dizer que a responsabilidade por tudo o que está escrito aqui é exclusivamente nossa.

AMOSTRA

## Capítulo 1

# Introdução

Sopa de morcego. Insinuações xenofóbicas. Estátuas derrubadas. Trajes de proteção biológica. Eventos climáticos bizarros. Distúrbios por incêndios florestais. Estados policiais improvisados. Quarentena em massa.

O estranho fim dos tempos em que nos encontramos mais parece um apocalipse em um filme de baixa qualidade do que a sequência ordenada de “eventos” encontrada nos livros de história. Mas a bizarrice da vida contemporânea não é produto apenas da crise da covid-19. Se observarmos os memes sombrios sobre 2021, veremos que são basicamente idênticos aos de 2020, 2019, ou 2016, por exemplo. De fato, você se lembra de quando todas aquelas celebridades da geração baby boomer começaram a morrer<sup>1</sup> no mesmo ano do fracassado golpe de estado turco, dos aleatórios ataques terroristas jihadistas por toda a Europa, do surto de zika, da vitória de Trump e da votação do Brexit? Aqueles dias em que todo mundo desenterrou aquela citação de Lenin sobre décadas em que nada acontece e semanas em que décadas acontecem?

Era o Fim do Fim da História. Ele foi anunciado em 2016. O ano de 2020 o tornou definitivo.

Estamos em um momento crucial. Em meio ao caos, estados de emergência e respostas estatais extraordinárias, enfrentamos uma virada política histórica. Os Estados mais ricos e poderosos do Ocidente estão buscando sair do neoliberalismo. Mudanças de regime haviam sido praticamente esquecidas como uma possibilidade — a menos quando aplicadas sob a mira de uma arma em terras distantes.

Ou, pelo menos, pensávamos que, se ocorresse uma mudança de regime, seria de uma forma diferente. O surto de coronavírus coincidiu com o esfacelamento de uma onda de tentativas da esquerda de conquistar o poder estatal. A derrota do Partido Trabalhista britânico de Jeremy Corbyn e o colapso da campanha de Bernie Sanders para presidente dos Estados Unidos ocorreram em um intervalo de 4 meses, ambos nos meses que antecederam e sucederam os primeiros lockdowns. Essas tentativas, chamadas de “populismo de esquerda”, visavam ir além do neoliberalismo, defender o bem-estar social e criar uma política nova, coletiva e igualitária. Pareciam promissoras; davam a impressão de que talvez a política estivesse de volta, depois de um longo período de ausência.

O fracasso do populismo de esquerda, estranhamente, aconteceu ao mesmo tempo em que os governos de direita adotavam políticas que se afastavam fortemente da ortodoxia neoliberal. Donald Trump aprovou um pacote de estímulo de US\$3 trilhões, enquanto o governo de Boris Johnson anunciou £100 bilhões em gastos adicionais para pagar 80% dos salários e apoiar os autônomos. As políticas que a esquerda vinha propondo foram adotadas pela direita, e isso se deu justamente no momento da maior desmobilização popular da história: os lockdowns. Há uma profunda ironia nisso, já que um dos principais problemas do populismo de esquerda era o de ter tentado fazer socialismo sem as massas.

As sociedades vêm se afastando da política há algum tempo; ao longo das últimas décadas, sindicatos, partidos políticos e organizações cívicas se tornaram invólucros vazios.<sup>2</sup> A consequência inevitável foi o agravamento gradual da situação. Mas, por algum tempo, nenhuma mudança significativa parecia acontecer. A globalização significava harmonia e crescimento — pelo menos na aparência.

Então, de repente, o mundo escapou do controle. A crise estava de volta. Mas com as massas desempenhando apenas um pequeno papel, tudo ficou desordenado; a política oscilava de maneira imprevisível, sem ancorar-se na grande aglomeração de pessoas dentro de organizações políticas que havia caracterizado grande parte do século XX. Mas ao menos a loucura fez com que o povo voltasse a pensar em política.



Para entender a noção de que *a política estava de volta* e para compreender o profundo senso de desordem que é uma característica da nossa era, precisamos voltar ao Fim da História, período posterior à queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989, que marcou o fim simbólico de um mundo dividido entre o comunismo e o capitalismo, e a vitória total do último. Somente quando recordamos o tédio da era conhecida como o Fim da História — aquela sensação de que a democracia neoliberal estagnada era tudo o que existia — é que podemos compreender o quão chocante tem sido o retorno da política desde 2016.

### 1.1 Eu me odeio e quero comprar

Refletindo sobre o início de uma nova era no começo da década de 1990, o historiador Eric Hobsbawm observou que o “breve século XX” “terminou em uma desordem global cuja natureza não era clara e sem um mecanismo óbvio para acabar com ela ou mantê-la sob controle”.<sup>3</sup> Essa impotência, no entanto, não se devia apenas à complexidade dos problemas em si. Afinal de contas, alardear complexidade é o truque que os tecnocratas vêm usando há 3 décadas, com o único objetivo de reduzir as expectativas. Em vez disso, a impotência estava “no aparente fracasso de todos os programas, antigos e novos, para gerenciar ou melhorar os assuntos da raça humana”.<sup>4</sup>

Além disso, ficamos sem nenhuma força que promettesse fazer isso. Ao analisar o cenário, Hobsbawm observou um mundo dividido entre “Estados estáveis, fortes e favorecidos [que] poderiam se considerar imunes à insegurança e à carnificina”, e aqueles que se encontravam fora da bolha ocidental. Entretanto, várias novas ameaças despontavam no horizonte — terrorismo, fundamentalismo islâmico, migração em massa, degradação ambiental e assim por diante — que poderiam vir a furar essa bolha.

Lá fora, naquilo que ainda era chamado de “Terceiro Mundo” — embora de forma anacrônica — havia vários movimentos que não defendiam os ideais universalizantes que estruturavam o conflito da Guerra Fria (capi-

talismo liberal ou comunismo). Em vez disso, esses movimentos buscavam apenas uma identidade e uma ordem social seguras em um mundo em desintegração; movimentos de base étnica ou religiosa proliferaram. Esses movimentos poderiam até conseguir derrubar regimes, segundo Hobsbawm, mas, à semelhança do fascismo do período entre guerras, que também se revoltou contra a dissolução moderna, eles não tinham soluções reais para os problemas. Pior ainda, como isso se aplicava ao mundo todo, a todas as organizações políticas, não estava claro se ideias políticas eram capazes de gerar movimentos nacionais de massa organizados.

Por sua vez, os cidadãos pareciam, em grande parte, resignados a deixar os assuntos do Estado para a “classe política”. Na esteira dessa renúncia, proliferou um “amálgama de slogans e emoções” que mal poderia ser chamado de ideologia: política de identidade e xenofobia.

Então, o que mudou desde 1994, quando a obra de Hobsbawm foi publicada pela primeira vez? A desordem é bem aparente hoje e os movimentos por “identidade protegida e ordem social” parecem descrever adequadamente as forças políticas que governam muitas nações ocidentais, por exemplo, o nacional-populismo. Mas enxergar apenas uma desordem ininterrupta seria ignorar exatamente a ordem estabelecida que governou a era do Fim da História. É claro que havia “novas ameaças”, mas nenhuma que colocasse em questão a democracia liberal, precisamente porque as novas ameaças não traziam nenhum programa sério para um meio alternativo e melhor de organizar a sociedade. A Nova Ordem Mundial anunciada pelo presidente George H. W. Bush em 1991 prometia paz e cooperação sob a égide da liderança dos Estados Unidos — na verdade, sua hegemonia total. Mas não era apenas em termos geopolíticos que a estabilidade seria alcançada. O modo completo de funcionamento da política nacional tinha como premissa remover os cidadãos do envolvimento ativo. Em seu lugar, havia a “pós-política”, uma forma de governo que tenta impedir a contestação política enfatizando o consenso, “erradicando” a ideologia e governando por meio de provas e conhecimentos especializados em vez de interesses ou ideais. Na base de tudo isso estava um regime econômico — o neoliberalismo — que privilegiava a concorrência privada acima de tudo. O papel do Estado era

simplesmente o de regulamentar as transações do mercado e garantir seu funcionamento adequado. Um comércio internacional em constante expansão e sem restrições — globalização — proporcionaria uma recompensa aos vencedores. E, na verdade, todos sairiam ganhando: quando o sol brilha, brilha para todos.

Essa noção teve tanto sucesso que naturalizou as relações econômicas. As grandes questões, sobre o que é produzido e quem recebe quanto, foram resolvidas. A política, então, tinha pouco a tratar e, conseqüentemente, as capacidades do Estado se atrofiaram. Sem nada pelo que lutar, os cidadãos se retiraram da esfera pública para se concentrar em assuntos particulares. Parecia que a Era dos Extremos de Hobsbawm havia dado lugar a uma era diferente, a Era do Eu.<sup>5</sup> Buscar satisfazer desejos pessoais no mercado tornou-se a totalidade da experiência humana. O vencedor da luta ideológica do século XX entre o comunismo e o capitalismo foi, na verdade, o consumismo — “o ‘ismo’ que ganhou”.<sup>6</sup>

É claro que foi o capitalismo que realmente venceu. Mas, desprovidos de uma alternativa sistêmica, até a noção de que vivíamos em um sistema chamado “capitalismo” desapareceu por completo. A sociedade contemporânea passou a ser vista como uma ordem natural, e não como o produto de um desenvolvimento histórico conflituoso. Isso até a Crise Financeira Global (CFG) de 2007-08. Então, de repente, essa entidade autônoma a que nos referíamos como “a economia” foi posta em dúvida. Tal evento marcou a primeira grande interrupção do “Fim da História” proclamado por Francis Fukuyama em 1989 após o colapso do “socialismo real”. Os eventos pareciam estar acelerando. Mesmo assim, levou um tempo para que as disfunções da CFG encontrassem uma manifestação política consciente.

No início da década de 2010, assistimos a protestos, novos movimentos e até revoluções (fracassadas). Mas o verdadeiro desenlace para os centros do capitalismo global chegou em 2016. A eleição de Donald Trump e o triunfo da opção ‘Leave’ (Deixar) no referendo sobre a permanência ou não do Reino Unido na União Europeia marcaram o fim de qualquer complacência em relação à continuidade dos modelos predominantes de democracia liberal, globalização ou neoliberalismo. Esses eventos foram as instâncias

mais proeminentes da força mais importante que surgiu para desafiar o consenso pós-político: *a antipolítica*.

Em vários pontos do mundo, inclusive nos centros nevrálgicos do capitalismo global, as pessoas proclamavam “eles não nos representam!” Os *establishments* neoliberais dominantes na maior parte do mundo foram abalados. A autoridade de práticas tão variadas como o jornalismo, a economia e o direito também foi corroída devido ao declínio da credibilidade. O imenso déficit de confiança que caracterizou grande parte do discurso social e político foi produto da instrumentalização da expertise durante o Fim da História. A tecnocracia gerencial alegava ter as respostas, mas foi fatalmente prejudicada, primeiro pela CFG e depois por Trump e o Brexit em 2016.

Os 4 anos que se seguiram foram marcados exatamente pela sensação de desordem à qual Hobsbawm assistiu nos primeiros dias após o colapso da União Soviética. Uma revolta global contra as instituições políticas estava então em andamento, e aqueles que se identificavam com a ordem em ruínas começaram a enlouquecer, enquanto buscavam teorias conspiratórias extravagantes para explicar o que estava acontecendo. Como poderia nossa paisagem reluzente, sem atritos e bem iluminada ser obscurecida, como o meio-dia poderia estar tão lúgubre? Estaria o Fim da História sendo eclipsado?

Se ainda restava alguma dúvida, a crise da covid-19 de 2020 provou ser definitiva, o Fim do Fim da História estava diante de nós. A história chegou ao fim em 1989. Em 2008, a ordem econômica foi abalada. O acerto de contas político veio em 2016. Em 2020, o Fim da História havia terminado.

## 1.2 Um bilhão de varandas voltadas para o sol

A natureza épica dessas transformações só pode ser totalmente compreendida quando se relembra a paisagem afetiva do Fim da História. Como se *vivenciava* essa cultura? À medida que as visões políticas alternativas se des-

vaneciam, a cultura — especialmente a “cultura alternativa” — parecia fluir livremente, desvinculada de qualquer perspectiva social determinada. Assim, o consumismo prevaleceu e os ataques da cultura alternativa contra ele apenas demonstraram o verdadeiro predomínio de seu alvo. Quando o ataque falhava, bastava parar de se importar. O Fim da História foi a era do consumismo, sim, mas foi também a era do niilismo.

No início dessa era, a música techno e a cultura rave floresceram. O mundo parecia aberto e cheio de possibilidades, pelo menos o indivíduo. Era quase como se os antigos deveres públicos e as restrições estivessem sendo abandonados. A repetitividade da dance music parecia exemplificar algo da época: a house music e o techno não tinham começo, meio ou fim; tudo girava em torno de textura e sensação, não de estrutura narrativa. Esses estilos pareciam recapitular o argumento sobre o “fim das grandes narrativas”, característica definidora da pós-modernidade.<sup>7</sup> Da mesma forma, o rock “alternativo” parecia não ir a lugar algum. Kurt Cobain, do Nirvana, estava fatalmente ciente de sua própria “pré-corporificação” — a percepção de ser um clichê de oposição na cultura do espetáculo.<sup>8</sup> O veterano crítico musical Greil Marcus ouviu na música da banda “o sentimento de humilhação, desintegração e derrota por alguma malevolência distante”. A postura contracultural na década de 1990 recebeu o nome de “atitude”, mas na verdade sua função era “proclamar em alto e bom som as próprias limitações e descartar a possibilidade de ir além delas”.<sup>9</sup> Até mesmo o hip-hop abandonava rapidamente seu ímpeto de mudança social em favor de ostentação, mulheres e armas; o Public Enemy deu lugar a Jay-Z e depois a Kanye West e 6ix9ine. No Reino Unido, o Britpop parecia tornar o país “cool” novamente e a Union Jack [bandeira do Reino Unido] — antes considerada um símbolo de racismo e imperialismo — podia ser agitada com leveza, abraçada por ícones da cultura pop (que em breve seriam convidados a visitar a residência do Primeiro Ministro em Downing Street).

Enquanto isso, o cinema convencional apresentava explosões de violência irracional e, em sua maioria, despolitizada, em resposta ao tédio consumista (mesmo quando pretendiam ser críticas a ele) em filmes como *Clube da*

*Luta, Assassinos por Natureza* ou *Um Dia de Fúria*. A “malevolência distante” que Marcus observou no grunge teve reflexo em filmes que transmitiam temas paranoicos de simulacro total ou controle mental, como em *Matrix*, obviamente, e também em *O Show de Truman* e *eXistenZ*.

A televisão, o meio de comunicação dos anos 1990, ainda podia ocasionalmente atuar como um veículo de transgressão, mesmo sendo rotulada como uma “caixa de idiotas” pelo que restava da contracultura. *Os Simpsons* e *Beavis & Butthead*, ambos ligados à cultura “alternativa”, logo deram origem a *Family Guy* e *South Park*, que tentaram levar a ofensividade do *mainstream* ao limite, embora o vínculo com as subculturas dos jovens fosse cada vez mais tênue. Emblemático da televisão do início dos anos 2000 foi *Jackass*, que prenunciava um mundo de celebridades que alcançaram o sucesso por conta própria e estrelas do YouTube. Era superficialmente subversivo, mas definitivamente apolítico, com pouca conexão com a subcultura jovem, exceto pelo skate. As acrobacias masoquistas da turma de *Jackass* pareciam uma tentativa niilista de superar o tédio. E se a autopunição não fosse seu estilo, então poderia desfrutar da humilhação do outro: *Big Brother*, *Jerry Springer*, *Jeremy Kyle*, *I’m a Celebrity* e uma série de outros programas de TV do gênero “reality show” permitiam a elevação do eu por meio da difamação sádica do alheio.

Do ponto de vista estilístico, as ondas “retrô”, a apropriação e a reutilização da moda de micro-épocas anteriores começaram a acelerar. No início dos anos 1990, a cultura rave e seu “Segundo Verão do Amor” buscaram inspiração no final dos anos 1960 e logo foi seguida por um fascínio pelos anos 1970. A conhecida frase de efeito da época, “it’s the 90s” [são os anos 1990] (que significa “get with it” [entre na onda]), procurava demonstrar modernidade, apesar da evidente fixação da época por passados mais descolados.

Para aqueles com uma ideia do que a política havia sido ou poderia voltar a ser — ou para aqueles que simplesmente tinham esperanças de que a política pudesse ser interessante, furiosa, rebelde e romântica — o rap metal do Rage Against the Machine e os documentários de Michael Moore foram criados para preencher o vazio. Mas como a sociedade como um todo se despoltizou, esses artefatos “políticos” se destacaram como tentativas

hiperpolíticas de energizar as massas por meio da pura força de vontade. Naturalmente, eles fracassaram. Pior ainda, eram apenas mais uma identidade ou — para sermos deveras condenatórios — uma marca.

A falta de um senso de futuro, o eterno presente daquelas décadas, fez com que as concepções de História mudassem. Mark Fisher nomeou de maneira perspicaz esse estado de espírito predominante de “hedonia depressiva”.<sup>10</sup> Não se tratava tanto do fato de que as pessoas não conseguiam sentir prazer, mas sim de que demonstravam incapacidade de fazer qualquer coisa *além* de buscar o prazer. Consumismo e niilismo. Algo estava faltando. A sociedade se aposentara; havíamos ido para casa para ficarmos sentados indiferentes em nossas varandas. Tínhamos dado “um último adeus às guerras e às ideologias. Mas”, perguntou o romancista J. G. Ballard em *Cocaine Nights*, “como energizar as pessoas, dar-lhes algum senso de comunidade? Um mundo deitado de costas é vulnerável a qualquer predador astuto”.<sup>11</sup>

O senso de comunidade era buscado em aventuras escapistas e hedonistas como a cultura rave, que fingia representar “resistência”, mas apenas no sentido mais temporário. Seu correlato político estava no movimento de justiça global (também conhecido como anti- ou alter-globalização) e, mais tarde, no movimento Occupy. Os protestos lembravam um carnaval: derrubavam-se ou destruíam-se hierarquias, mas as coisas voltavam à normalidade consumista no dia seguinte. Tanto o protesto quanto a dança eram pouco mais do que uma válvula de escape.

A cultura pré-internet (na verdade, pré-redes sociais) da década de 1990 e do início dos anos 2000 representou as últimas brasas da contracultura,<sup>12</sup> uma postura antagônica em relação ao *mainstream* e ao burguês. Era uma faceta da chamada crítica “artística” ao capitalismo que buscava a libertação e rejeitava a inautenticidade.<sup>13</sup> É claro que ainda era possível encontrar fragmentos de uma cultura oposicionista. O software de compartilhamento de músicas Napster, por exemplo, foi um ponto focal para debates sobre propriedade, direitos autorais e acesso. Olhando para trás, porém, essas referências parecem artefatos de um momento cultural passado e, em uma infeliz ironia, uma vítima daquilo que Simon Reynolds chamou de “retrô mania”.<sup>14</sup> Os ressurgimentos contemporâneos de momentos anteriores da cultura pop